

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

A SORTE DA TIA RITA

////// Por MANUEL FERREIRA ////

NÃO conheceram a tia Rita?
Era uma velhota alta e magra que, à porta do seu humilde casebre, no Campo Grande, vendia castanhas assadas num velho assador de barro.

A velha vivia muito pobre mas alegremente. Não tinha ninguém de família. A sua companhia era o assador que havia comprado quando era nova. Além de muito útil, era, por assim dizer, uma recordação.

A tia Rita confiava ao assador as suas alegrias. Tôda a manhã e tôda a tarde, desde o nascer ao pôr-do-sol, a mulherzinha cantarolava, alegremente, enquanto assava as castanhas.

Assim viveu largo tempo. Mas, a pobre mulher, julgando que a fortuna lhe viesse um dia a aparecer, comprava, de vez em quando, uma cautela.

Nessa tarde, ia a passar, pela rua, um rapazito, vendedor de jôgo, que, em virtude de ser pobrezinho, era muito ajudado pela tia Rita.

— «Pst, ó João!»

— «Que quere, *vomecê*? — respondeu o rapaz, correndo. — Hoje não tenho o *numbro* do costume...»

— «Qual?» — perguntou a velha.



— «O 1221, que é uma *capicua* tôda bela — respondeu o rapaz. — Mas levo aqui o 2112 que também é *capicua* e pode dar sorte...»

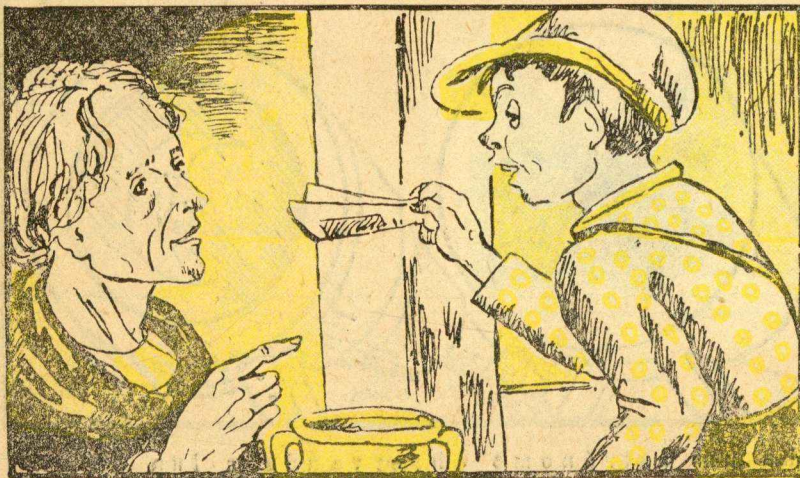
— «Deixa lá ver, rapaz... Quem sabe? Há horas felizes...» — respondeu a velhota, enquanto atendia um freguês.

Comprou a cautela e guardou-a muito bem.

— «Até depois, ti'Rita. E obrigadinho...»

— «Adeus. Olha que se a *taluda* me sair, dou um tal pontapé no assador que ele nem sabe onde vai parar...»

O rapaz, entretanto, observou-lhe:



— «Mas isso é mal pensado. Então, a tia Rita tem vivido à custa dêle... Anda sempre a dizer que o assador lhe tem servido de muito, que tem ganho muito dinheiro com êle e dava-lhe um pontapé, sem mais nem menos. Não seja mal agradecida...»

— «Pois sim! Põe-te a andar que a conversa já basta — retorquiu a vèlhota, aborrecida.

No sábadò seguinte, um rapazito que, conhecendo muito bem a velha, sabia que ela jogava tôdas as semanas, disse-lhe, em alta grita:

— «Parabens... Então, lá lhe safu a sorte grande?! Foi, se não me engano, no número 2112...»

Só queria que vissem a tia Rita. Deu um pulo no banquinho, pregou um tremendo pontapé no fogareiro e no assador, desatando a gritar, contentíssima:

— «Até que enfim! Vou tirar a barriga de misérias. Vou já comprar uma casinha na minha terra... uma junta de bois... fatiota da melhor... Isto é que vai ser...»



A pobre mulher parecia ter perdido o juízo. Levou tôda aquela tarde a fazer projectos...

A' noitinha, calhou passar, por ali, o João. Vinha tristonho e a tia Rita, logo que o viu, gritou-lhe:

— «O' João! Anda cá! Então, vendeste-me a sorte grande... Amanhã, dou-te uma boa *maquia* para comprares uma farpela e umas botas e para ires ao *animas*...»

— «Mas...» — interrompeu o rapaz.

— «Qual mas... — berrava a vèlhota. — Agora é que eu fiquei rica. Olha, o assador já está a dormir no caixote do lixo...»

— «Pois fez mal... — (explicou, enfim, o rapaz. — Porque tem que comprar outro...»

— «Tás a mangar. Que me dizes?!... Deus me livre. Agora fiquei *ricaça*. Apre! Custou!»

— «Oíça lá, tia Rita. A sorte grande saíu no número 1221, aquele em que a tia Rita sempre jogava. Mas, logo por azar, eu vendi-lhe o 2112...»

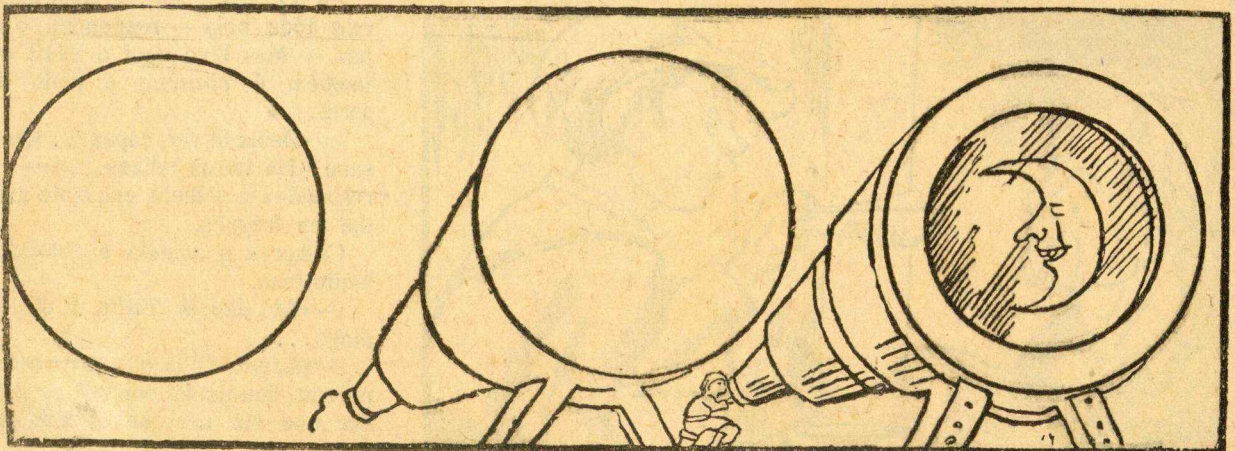
Desfizeram-se as ilusões da velha. O rapaz que lhe tinha dado a notícia, enganara-se no número.

A tia Rita viu, nas mãos do João, a lista dos prémios. Lá vinha o número da sorte a escarneçê-la.

E a tia Rita, lamentando-se, disse, a custo:

— «Afinal, para que fui eu deitar fora o assador sem ter a certeza da sorte?! Só por castigo, meu Deus! Fiquei sem a *taluda* e inda tenho de gastar dinheiro para comprar outro assador. Só por castigo...»

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um astrónomo observando a lua

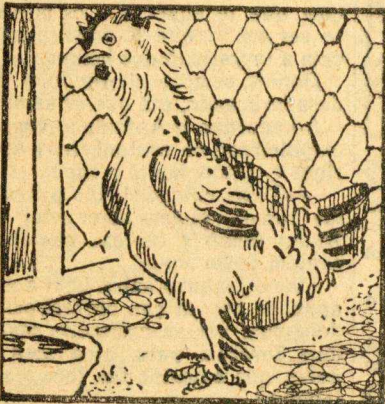
IR BUSCAR LÃ...

Por FELIZ VENTURA

EL-REI D. Galo Galão
Fez correr êste pregão:

«Vai haver grande festança,
Muita dança
E alegria,
Pois a linda franguinha,
Filha da nossa rainha,
Vai já, daqui a um mês,
Ter dos anos o seu dia.

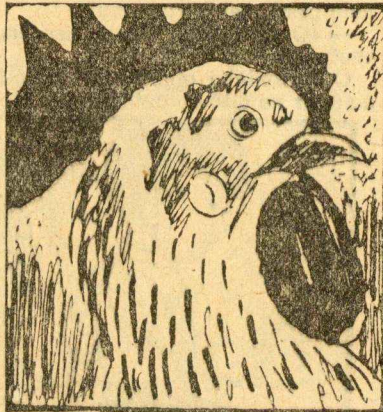
Estas grandiosas festas
Terão, como complemento,
Um baile no meu palácio,
E, de todos os presentes,



Quem melhor souber dansar
Terá como recompensa
Minha filha em casamento.»

Esta grande novidade
Fez fremir a capoeira,
Até um pinto miúdo,
Que era alcunhado «o calçudo»,
Se encheu de grande vaidade
E fez grande chinfrineira,

Chega o dia...
E que alegria!
De manhã há foguetório
E todo aquele povinho

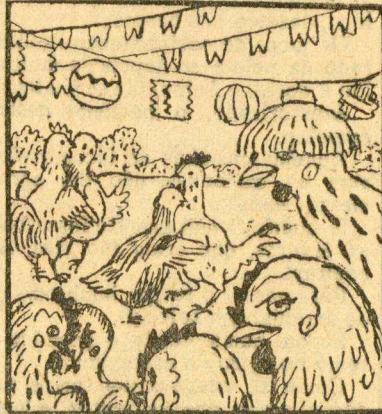


(Quer' dizer, a bicharada)
Ao Galo rei deu vivório.

Foi Franguinha aclamada
Quando surgiu p'ra dansar,
Por todos os frangainhos
Que a queriam desposar.

Ora um dos pretendentes,
Muito gordinho e anafado,
O que havia de fazer?
Ao júri foi prometer
Que, se fôsse êle o escolhido,
Daria
Grossa maquia,

Para poderem viver
Sem em mais nada pensar.



Mas a pequena Patinha,
Que era dama da rainha,
E que os ouvira falar,
Foi à rainha Galinha
O sucedido contar.

Logo esta, tôda arrufada,
(E nisso tendo razão)
Depressinha foi pedir
Justiça a el-rei Galão,
Que, sem nenhuma demora,
Mandou tudo investigar.
E já a par da verdade
Escorraçou o culpado
E o júri fez expulsar,



Metendo-os depois a ferros
Por tempo bem dilatado.

Paredes teem ouvidos,
E' um bem certo ditado.

F

I

M

CONCURSO dos BICHOS

Roga-se aos pequeninos concorrentes, de Lisboa, que desejem a restituição das respectivas cadernetas, o favor de as requisitarem na nossa redacção rua do Século, 43. Previne-se, também o concorrente premiado Jorge Costa Cronos, de que deve enviar-nos a sua direcção, a fim de lhe ser remetido o prémio que lhe coube.

O ANTONINHO NO CAMPO

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

ERA uma vez um menino, chamado Antoninho, que vivia numa rua da cidade, muito escura e feia. Via passar, ao longe, os automóveis e os carros eléctricos, único divertimento que lhe era permitido.

Só aos domingos, se fazia bom tempo, dava uma volta por algum jardim.

Calculem, pois, o entusiasmo do Antoninho quando, um verão, os pais decidiram passar uma temporada no campo.

Ao ver as galinhas com os seus pintalhos, que mais pareciam bolinhas de penas, as patas que levavam os pequeninos patarecos à ribeira, os perús, os gansos e todos os habitantes da capoeira em liberdade, o Antoninho dava gritos de alegria, correndo atrás deles para os agarrar, como se fossem brinquedos vivos que lhe oferecessem.

De manhãzinha, ia ver mungir a vaca e bebia o seu esplêndido leite, cheio de boa nata; mais tarde, acompanhava o caseiro ao pomar, onde apanhava bela fruta, que era um regalo.

E a mãe tãda se alegrava, ao vê-lo tão coradinho, êle, que na cidade andava sempre pálido e tristonho.

O que ela não levava à paciência era que o filho arrancasse ramos e fôlhas às árvores, para brincar.

— «As pôbrezinhas sofriam como gente e não se lhes devia fazer mal!» — dizia ao Antoninho.

Mas o pequeno não podia acreditar em semelhante coisa!

Que idéa aquella da mãe!

Uma árvore é uma árvore!

Não fala, não come, não brinca... Pode lá ser gente!

Para dar fruta, sim, para isso serve!

E os ramos, quando descascados das fôlhas, servem para bons chicotes...

Mas daí a ser gente!...

A-pesar duma mãe nunca mentir, daquela vez não podia crer no que ela afirmava!

Também o Joaquim — o filho do caseiro — se rira muito, quando soubera daquele dito da senhora!

Dissera até, com ar de troça:

— «Ora dêixe-se disso, menino! Uma árvore é de pau! Não pode sentir nada... Só serve para lenha e para dar sombra.»

Depois, todo importante, apontando um belo castanheiro, rematou:

— «Quero dizer, desta nascem ricas castanhas.»

O Antoninho olhou a árvore e ficou a matutar no dito do outro, pensando:



— «Não há nada como uma pessoa nascer no campo para saber, assim, tanta coisa! Como havia êle de adivinhar que aquelas bolas verdes, de que a árvore estava cheia, eram as castanhas escuras que comia no inverno?»

Com aquella idéa, não pregou olho tãda a noite.

Logo, de manhã cedo, foi por ali fora, e vai de subir ao tal castanheiro, não fosse o Joaquim apanhar todas as castanhas, antes dele.

Chegado a um belo ramo, deitou a mão à primeira bola verde que topou mas, logo, desatou aos berros.

Os picos do ouriço tinham-se-lhe enterrado na pele e só depois de muito trabalho e dores, o Antoninho se viu livre deles.

Aterrorizado, o pequeno desistiu da empresa.

Aquelas casinhas de bicos, onde moravam as castanhas, não lhe agradavam mesmo nada!

E queria a mãe que êle fosse bom para as árvores, que eram tão más, tão traçoceiras!...

Para passar o tempo, lembrou-se, então, de arranjar um balouço.

Pegou numa corda e prendeu-a dum ramo ao outro do castanheiro.

Como só chegava aos ramos mais delgados, assim que se sentou, a haste vergou e partiu-se, indo o Antoninho parar ao chão.

Levantou-se, furioso, pegou num pau, zás-pás, trás-pás, desatou à pancada à árvore.

Enquanto batia, gritava:

— «Sua malvada, que não me faz senão partidas!»

E bumba, bumba, sem parar, açoitava

os ramos, donde se desprendiam as fôlhas e batia no tronco que já deixava ver o miolo.

Tanto bateu que, por fim, cansado, estendeu-se à sombra e pegou no sono.

Então, ouviu, distintamente, um sussurro de fôlhas, que mais parecia um chôrro plangente e, daí a pouco, avançou o castanheiro.

O tronco parecia um corpo, os ramos erguiam-se, como braços, a copa formava uma cabeça, com os cabelos desgrenhados que eram a folhagem.

E a tal voz plangente, saindo de dentro do corpo da árvore, murmurou:

— «Porque me bateste e me fizeste doer? Não te lembraste dos conselhos da tua mãzinha? Com as pancadas que me deste as minhas fôlhas caíram mortas no chão, o meu tronco ficou ferido e os meus ramos pequeninos todos quebrados! Porque me maltrataste? Pensa sempre, quando passares por mim e pelas minhas irmãs árvores, que somos nós que te damos a sombra que te resguarda dos raios do sol, a fruta de que tanto gostas, a lenha com que te aqueces e os móveis de que te serves. E que o nosso coração sofre com a ingratidão dos homens!»

Depois, sempre chorando, a árvore foi desaparecendo, até que se sumiu!

Ao acordar, o Antoninho viu o Joaquim empoleirado no castanheiro a apanhar ouriços e gritou, muito aflito:

— «Toma cuidado! Não puxes tanto pelos ramos, podes fazer mal à árvore! Agora tenho a certeza que elas também sentem como nós!»

Mas o Joaquim sabia bem a maneira de apanhar os ouriços entreabertos que já deixavam ver as castanhas maduras e os dois levaram para casa uma cabazada delas, que a cozinheira lhes assou para o lanche.

Muito arrependido da sua maldade para com as árvores, o Antoninho contou à mãe o sucedido e, daí por diante, compreendendo bem a sua grande utilidade e lembrado do lamento do castanheiro que, em sonhos, lhe aparecera, tratou-as sempre com o carinho que todos nós lhes devemos.



A INDEPENDÊNCIA DA ARANHA

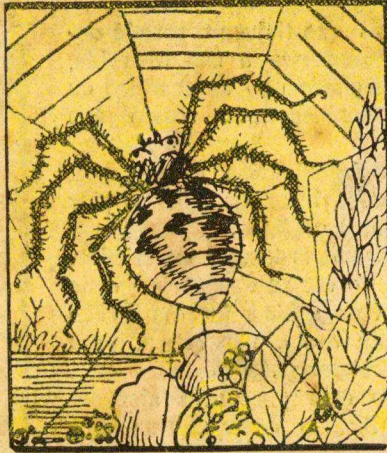
Por LAURA CHAVES

AQUELA medonha aranha,
num troncozinho de tília,
fez uma teia tamanha
que era o encanto da família.

— Nesta casa estou tão bem! —
a aranha, ufana, dizia.
— Não preciso de ninguém! —
Assim era, mas, um dia,

Vem de lá o senhor vento
a correr num corropio,
e aquilo foi um momento...
atirou a teia ao rio.

A aranha pôs-se a gritar,
só com três pernas de fora:
— Ai, que me estou a afogar!
Acudam-me sem demora! —



Ouviu-se um baque. Houve um salto....

A água riu-se, em rodinhas,
ao pinchar, de muito alto,
a Dona Rã Pinturinhas,

que em três braçadas e meia,
com cautela, com jeitinho,
pôs a aranha mais a teia
a vogar sôbre um tronquinho.

Depois disse: — Senhor Vento,
ande, trate de soprar,
mas sobre com muito tento
que a aranha tem de abordar. —

O vento, que era do norte,
respondeu: — Ó miudagem!
O meu sôpro é muito forte!
Vou mas é chamar a aragem. —

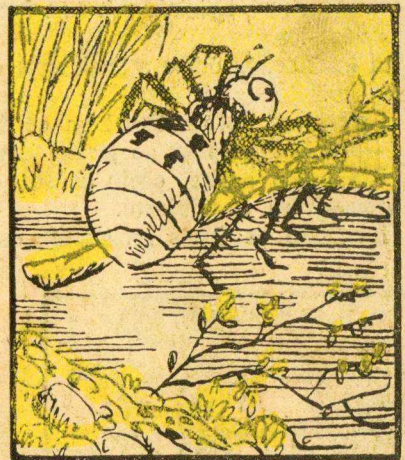


Com todo o cuidado, a aragem,
assoprou devagarinho,
até chegar junto à margem
a aranha, a teia e o tronquinho.

Uma vez ali chegada,
ao sol pôs-se ela a bramar:
— Eu fiquei tôda molhada,
ande, venha-me secar.....

Tudo isto se passava
com a aranha, a do desdém,
a tal que não precisava
do auxílio de ninguém.

Nesta vida, pelos modos,
quer seja grande ou miudo,
tudo precisa de todos,
todos precisam de tudo.



CONCURSOS MENSAIS

Para os primeiros concursos mensais de poesias e contos infantís, aos quais só podem concorrer adultos, recebemos já as seguintes provas:

POESIA: — «Assim acabou», por *Almirante* — «Lição infantil», por *Glauco* — «A violeta e o girasol», por *Poeta das Fragas* — «Duas poesias», por *Faquir Misterioso* — «Os ladrões e o burro», por *Antônio dos Santos Gonçalves* — «Peadelo», por *Neco* (Esperança) — «Pelo Natal», por *Quem tem crianças pequenas*, «O programa da Lena» por *Bondade* e «O menino preguiçoso», por *Pica-pau*.

CONTO: — «Uma boa acção», por *Alma Nobre* — «A história de uma menina pobre», por *Mister Z...* — «Liúgio de sapos», por *Faquir Misterioso* — «O leão e o coelho», por *Antônio dos Santos Gonçalves* — «Uma aventura de Joãozinho», por *Maneco de Amalau* — «O S. João da Princesa», por *Maria das Neves* — «Maria», por *Candura* e «Carta do papa-figo», por *Carriço*.

CHARADAS

EM FRASE

I — Êste estimado apelido é o complemento do teu nome. — 2-2

II — *Dansa* um homem afortunado nesta festa popular. — 2-2

III — O homem que canta esta canção é um tratante. — 1-2

IV — Fixa bem este tempo de verbo e eu te darei este objecto de uso. — 2-2

V — A fotografia da condenada foi observada neste magazine. — 1-2

OS DOIS IRMÃOS GLUTÕES

Por MARIA LISETTE

ARTUR e Luizinha eram dois irmãos que tinham o grande defeito da gula. Imensas vezes, apanhando a mãe distraída, aproveitavam a ocasião para assaltarem o assucareiro ou roubarem a marmelada. E... lambiam-se... como uns perdidos!

Ao princípio, os seus pais desculpavam esse abuso, não supondo que a sua contemplação pudesse levar os filhos a pior procedimento. Assim, sujeitavam-os a frequentes castigos.

Vamos narrar algumas das proezas destes dois irmãos malcriados. Uma vez foram à despensa com o fim de ver se descobriam onde a Maria, a criada, pusera um pudim que eles sabiam ter ela levado para lá. Colocaram uma cadeira e, em cima desta, um banco, para assim poderem chegar à altura de todas as prateleiras.

A Luizinha segurava no irmão, enquanto este procurava alcançar o apetecido bolo. Em dado momento, o Arturinho desequilibrou-se e tombou, fazendo uma ferida na cabeça. A mãe, numa grande aflição, correu, imediatamente, alarmada com o estrondo e o choro do filho.

Então, os dois irmãos mais uma vez prometeram à mãe não voltar a ser glutões. Mas qual!...

— No dia seguinte, ainda não estava curado, já o Artur chamava a irmã e lhe dizia:

— «Ouve cá, Luizinha: A mãe fez uns bolinhos — (eram todos para o lanche do pai) — e nós vamos a eles e papamo-los.»

A irmã achou ótima a lembrança e, daí a momentos, às escondidas da mãe, comiam os bolos, não deixando nem um.

Desta vez, foram eles bem castigados mas ainda desta vez não lhes ficou de emenda.

— Certo dia, foram ao Jardim Zoológico.

Dia muito bonito, cheio de sol, em plena Primavera. Estava tudo florido, o que aformoseava a paisagem e aromatizava o ambiente.

Enquanto os filhos brincavam, os pais, agora desviados das preocupações da sua vida de trabalho, muito satisfeitos, entretinham-se a admirar os elefantes, os hipopótamos, os leões, os macacos, enfim, toda a qualidade de animais que no Jardim Zoológico se encontra.

Os dois glutões, depois de muito correrem e brincarem, aproveitaram a distração dos pais, foram ao lanche, comeram-no todo, nada deixando, e fazendo, com esta má acção, com que os pais se aborrescessem e abreviassem a retirada para casa.

Finalmente, veio um dia em que estes atrevidos glutões se curaram por completo do feio defeito da gula.

Eu lhes conto como isso aconteceu:

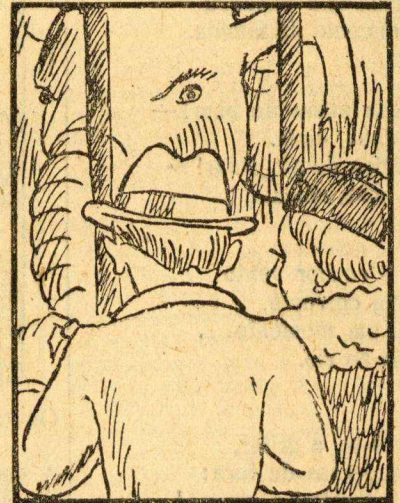
— Era verão e foram passar uma tarde à praia.

Os nossos heróis repetiram o seu costumado atrevimento, mas, desta vez, uma maior abundância de comida evitou que os pais ficassem sem refeição.

Porém, quando à noite voltaram a casa os dois irmãos, sentiram-se bastante aflitos.

Foi chamado o médico, o qual logo declarou tratar-se de uma indigestão, por excesso de alimento.

Só lhes digo isto: — Eles, que gostavam tanto de correr, de brincar, e de satisfazer fartamente o seu apetite, estiveram de cama, a



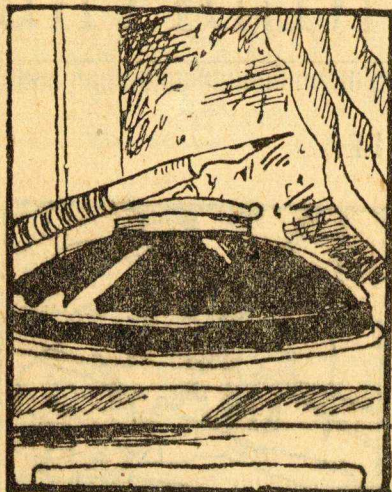
rigorosa dieta, não ganhando para o susto, pois estiveram muito mal.

Desta vez é que se emendaram, não tornando a proceder como anteriormente.

Hoje mostram-se envergonhados, quando alguém lhes fala naquelas suas tão feias acções, e pedem aos seus pais que lhes perdoem tantos desgostos que lhes causaram.

E' bom sermos previdentes para, mais tarde, não nos arrependermos.

ADIVINHA UM NOVO CONCURSO



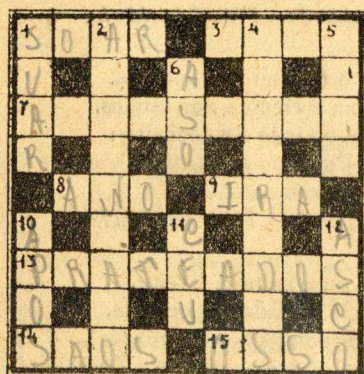
Meus meninos: — Estão vindo na vossa frente uma caneta e um tinteiro. Vejam se descobrem o escritor?...

ANEDOTA HIEROGLIFICA EM VERSO

Solução

Certo prelado almoçava, Quando chegou um abade.
Oferece, um. Recusa o outro.
— «Mas porquê?» — «Eu, de verdade, Almocei já duas vezes...»
Torna o outro: — «Isso é comum. Almoce três...» — «Não, não posso. Que hoje é dia de jejum.»

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontalmente: 1—Produzir som; 3—Terreno inculto; 7—Agradável; 8—Espaço de 12 meses; 9—Cólera; 13—Branco e brilhante como a prata (plural); 14—Saudáveis; 15—Parte dura e sólida que caracteriza os vertebrados.

Verticalmente: 1—Deitar suor; 2—Concluído; 4—Erguidos a prumo, como uma árvore; 5—Faixa; 6—Ensejo; 10—Depois; 11—O Firmamento; 12—Nójo.

PIM-PAM-PUM, no desejo, sempre crescente, de agradar aos seus pequenos e inúmeros leitores, não se poupa a trabalhos e sacrifícios, de modo a compensar a dedicação e carinho que estes lhe dispensam. Assim, a par de bonitas histórias e poesias infantis dos melhores autores, anedotas, passatempos e bonecos engraçados, *Pim-Pam-Pum* tem organizado diversíssimos concursos que, além do carácter recreativo que os reveste, encerram o objectivo cultural, indispensável, hoje, à mocidade que estuda e se diverte. Apenas um é iniciado já outro se encontra em projecto, não faltando, nunca, este suplemento ao compromisso de reservar surpresas, cada vez mais agradáveis, aos seus fiéis leitorzinhos.

Por conseguinte, para não fugir à regra, jámais violada e que sempre tem cumprido com agrado certo, *Pim-Pam-Pum* vem hoje dar a alegre notícia dum novo concurso que tem entre mãos e que deve ter início já no próximo número.

Trata-se, sem tirar nem pôr, duma nova modalidade em concursos infantis, com significado patriótico e organizado de modo a despertar o interesse das crianças portuguesas pelas admiráveis obras de valor artístico e histórico que se encontram espalhadas por todo o nosso País e que tão bem atestam a grandiosidade e importância da história da nossa Pátria.

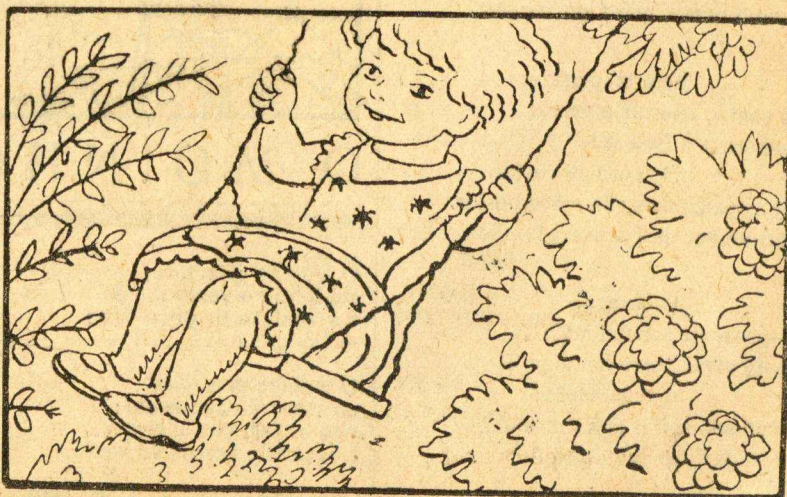
Damos, seguidamente, a conhecer oa moldes em que este concurso vai ser realizado, bem como as condições a que devem obedecer todos os concorrentes para se habilitarem aos prémios que distribuiremos e ficarem, ainda, com uma graciosa e interessante colecção dos principais palácios e monumentos do nosso País.

A partir do próximo número, publicaremos os desenhos que os representam, acompanhados dumas pequenas referências destinadas a auxiliar os concorrentes na designação do monumento e localidade onde esteja situado, visto esses desenhos não serem publicados com estas indicações que é necessário apontar para poderem considerar-se habilitados.

Ainda não está determinada a quantidade de figuras que virão a lume, o que dependerá do provável êxito do concurso. Conforme as formas publicando, os concorrentes deverão colecioná-las num pequeno album ou caderneta, onde as colarão, uma em cada página, juntamente com as indicações a que já atrás aludimos: nome do palácio ou monumento e sua situação. Basta, contudo, na impossibilidade de acertarem com o de todos, indicar, pelo menos, o nome de 75 % dos monumentos publicados, ou seja na proporção de 15 para 20. Depois, dentro dum prazo que estipularemos, deverão ser-nos remetidas essas cadernetas, para procedermos à sua classificação. Já estão estabelecidos três prémios para as que mais artisticamente se apresentarem e outros tantos a sortear entre tôdas as admitidas ao concurso.

Para facilitar a sua organização e expediente, deve toda a correspondência, a êle referente, ser endereçada à redacção deste suplemento, *Rua do Século, 43—Lisboa.*

PARA OS MENINOS COLORIREM



NOVAS CANÇÕES INÉDITAS

de AUGUSTO DE SANTA-RITA



O CARACOL

O caracol,
com seus pauzinhos ao sol,
leva a casinha consigo...

E' egoísta
e à fôrça de comodista,
não tem um único amigo,

O caracol,
com seus pauzinhos ao sol,
é pacatinho e burguês:
mas em si tem
todo o lirismo, êste bem
que é nosso, que é português.

Seu mór prazer
é sentir, cheirar e ver...
saborear a Beleza!

De casa ás costas,
seus pauzinhos são mãos postas,
em louvor da Natureza!

O caracol,
a-pesar-de ser tão mole
e de viver como um monge,
é vagabundo;
e ao sol, sob o céu profundo,
devagarinho vai longe!

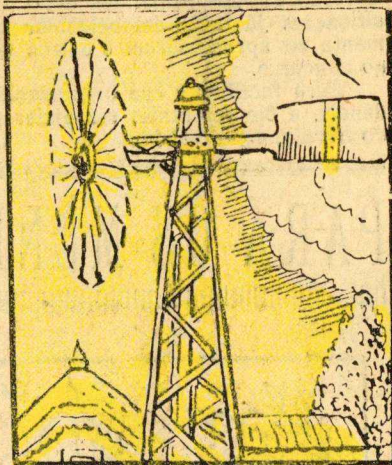
FIM

CANÇÃO DA ROLINHA BRAVA

— «Uh-uh!...»
— «Rú-rú!...»
geme o vento, chora a rola...
Que tristeza!
O' Dôr que ninguém consola!...
O' mágoa da Natureza!...

Sem alarido, sem bulha,
no pinhal a rola arrulha:
— Rú-rú!... <
E, ao triste gemer do vento,
dos pinheiros cada agulha
só responde ao seu lamento:
— «Uh-uh!... Uh-uh!...»

FIM

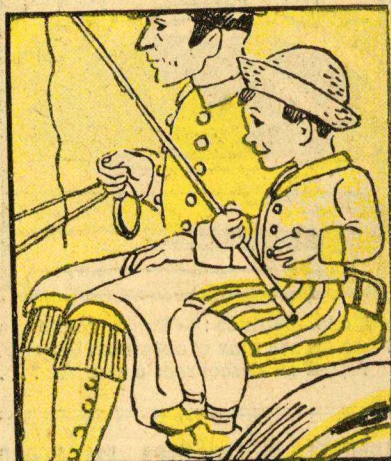


O MOÍNH0

O moinho gira, gira,
conforme o vento lhe dá
e a agulhinha do poço tira:
— Uá-uá-uá-uá!...

O moínho gira, gira,
ao sabor do catavento;
vira e gira, gira e vira...
Dança nes braços do vento.

FIM



UM PASSEIO DE TIPOIA

Ferem lume na calçada,
as patinhas dos cavalos,
em seu trote, à desfilada:
— Catatrâu-catatrâu... Tláu-tláu-tláu...
catatrâu-catatrâu...
catatrâu... Tláu-tláu-tláu!...

E o menino na almofada,
com o chicote aos estalos,
vai ao lado do cocheiro:
— Catatrâu-catatrâu... Tláu-tláu-tláu...
catatrâu-catatrâu...
catatrâu... Tláu-tláu-tláu!...

E o carro roda ligeiro,
pela estrada empoeirada,
doiradinha ao sol ardente!...
— Catatrâu-catatrâu... Tláu-tláu-tláu...
catatrâu-catatrâu...
catatrâu... Tláu-tláu-tláu...

E o menino sorridente,
vai repetindo, contente,
aquela linda toada:
— Catatrâu-catatrâu... Tláu-tláu-tláu...
catatrâu-catatrâu...
catatrâu... Tláu-tláu-tláu!...

FIM